



O CORDEL E AS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS

Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque

Resumo

O estudo residiu na análise dos temas tratados na literatura popular de cordel, visando à expansão da classe de literatura nas classificações bibliográficas, partindo da hipótese de que as classificações propostas por vários estudiosos da área, denominadas de *ciclos temáticos*, possibilitariam esta expansão. O *corpus*, constituído de mil duzentos e cinquenta folhetos foi selecionado, aleatoriamente, do acervo composto por 5.000 cordéis do Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular da Universidade Federal da Paraíba. Deste *corpus*, foram analisadas obras de trezentos e quarenta e cinco poetas, entre os mil e setenta e três autores que figuram no acervo. No trabalho, discorreu-se sobre a literatura popular, considerando o conceito, a origem e as classificações propostas por diferentes estudiosos deste tipo de literatura. A semiótica greimasiana constituiu a teoria básica, priorizando os investimentos semânticos de tematização e figurativização para análise dos discursos dos folhetos de cordel, complementando com as classificações bibliográficas, linguagens utilizadas na organização de acervos com o objetivo de agrupar documentos de um mesmo tema. A análise dos folhetos de cordel possibilitou a identificação e extração das figuras que conduziram aos temas, gerando 27 classes temáticas que irão compor a classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas.

Palavras-chave: Literatura Popular — Cordel. Classificação Bibliográfica.
Representação do conhecimento. Semiótica. Ciência da Informação.

Resumo

O estudo residiu na análise dos temas tratados na literatura popular de cordel, visando à expansão da classe de literatura nas classificações bibliográficas, partindo da hipótese de que as classificações propostas por vários estudiosos da área, denominadas de *ciclos temáticos*, possibilitariam esta expansão. O *corpus*, constituído de mil duzentos e cinquenta folhetos foi selecionado, aleatoriamente, do acervo composto por 5.000 cordéis do Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular da Universidade Federal da Paraíba. Deste *corpus*, foram analisadas obras de trezentos e quarenta e cinco poetas, entre os mil e setenta e três autores que figuram no acervo. No trabalho, discorreu-se sobre a literatura popular, considerando o conceito, a origem e as classificações propostas por diferentes estudiosos deste tipo de literatura. A semiótica greimasiana constituiu a teoria básica, priorizando os investimentos semânticos de tematização e figurativização para análise dos discursos dos folhetos de cordel, complementando com as classificações bibliográficas, linguagens utilizadas na organização de acervos com o objetivo de agrupar documentos de um mesmo tema. A análise dos folhetos de cordel possibilitou a identificação e extração das figuras que conduziram aos temas, gerando 27 classes temáticas que irão compor a classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas.

Palavras-chave: Literatura Popular — Cordel. Classificação Bibliográfica.
Representação do conhecimento. Semiótica. Ciência da Informação.



1 Introdução

A Pós-Graduação em Biblioteconomia (1977-1996) e, posteriormente, em Ciência da Informação (1997-2001), na UFPB tem uma tradição histórica que deve ser considerada e foi reestruturada, tendo como área de concentração – *Informação, Conhecimento e Sociedade*. Essa área se desdobra em duas linhas de pesquisa, na qual destacamos *Memória, organização, acesso e uso da informação* que tem a seguinte ementa: envolver questões teóricas, conceituais, reflexivas e metodológicas voltadas à produção, apropriação, democratização, representação, usos e impactos da informação, e à proteção das memórias, do patrimônio cultural e identitário, associadas ou não às tecnologias de suporte. Nesse sentido, apresentamos um projeto de pesquisa cujo objeto de estudo contribui para esta linha de pesquisa.

Por outro lado, o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB, através do Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP criou um Centro de Documentação na Biblioteca Central, com o objetivo de difundir a literatura popular em suas mais variadas formas: literatura de Cordel, Poesia Oral Tradicional e Conto Popular. No entanto, falta-lhe o devido tratamento técnico para sua recuperação.

Todo processo de recuperação da informação começa com o tratamento técnico dos itens para, em seguida, disponibilizá-los para a circulação (empréstimo e/ou consulta). Para recuperar um determinado material informacional, no caso o folheto de cordel, o usuário necessita que o folheto esteja descrito, conforme os padrões de organização, de forma a permitir sua localização. Em um Sistema de Recuperação da Informação (SRI), destacamos três etapas principais: a indexação, o armazenamento e a recuperação propriamente dita. No entanto, a indexação é a etapa primordial, em que o tema principal do documento é identificado, para a efetividade e eficácia do sistema, pois permite reunir todos os documentos de um mesmo assunto sob um único tema, tornando maximizada a chance de o usuário recuperar todos os itens de um mesmo assunto.

Ao conhecermos o Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP) da Universidade Federal da Paraíba, durante a pesquisa do doutorado, observamos que, em seu acervo, a coleção de folhetos de cordel não atende aos padrões de organização, armazenagem e recuperação. Os folhetos de cordel estão, em sua maioria, armazenados e organizados em ordem alfabética de título, o que dificulta sua precisa recuperação. Diferentemente em outras bibliotecas estão organizados por autor (poeta). Para organizar tecnicamente a informação em acervos especializados, como é o caso da literatura popular de cordel, é necessário criar formas de representação e recuperação eficazes.

2 Literatura popular escrita: o cordel

O texto popular pode se apresentar nas modalidades oral ou escrito, cujos gêneros se destacam:



o romance, o conto, a cantiga, entre outros, como tipicamente orais e o cordel, escrito. O que não significa dizer que não se possa passar de uma modalidade para outra, como afirma Batista (2005, p. 3) “Mesmo os de origem oral partiram um dia de uma escritura e o escrito (o cordel) tem por finalidade ser lido, cantado, representado”. O folheto de cordel não se constitui apenas de histórias passadas e tradicionais, é, sobretudo, uma produção dinâmica e esta produção é escrita, porém não é transmitida somente por meio de leitura silenciosa e individual. Ocorre através da oralidade, que se materializa nas leituras comunitárias, fato comum nas regiões rurais do Nordeste do Brasil, graças aos aspectos da musicalidade dos versos presentes nos folhetos.

A literatura de cordel é uma forma de poesia popular impressa. Sofreu influência dos povos espanhóis, franceses e principalmente, portugueses, cujo termo está relacionado à forma de apresentação dos folhetos, presos em barbantes (cordéis) nas feiras, praças e mercados populares. Sua origem está ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas orais presentes na memória popular, chamados romances. Para Menezes (2006, p. 10) a história da literatura de cordel pode ser identificada por pelo menos três períodos bem característicos: no primeiro período boa parte dos textos concentrava-se em torno dos romances de cavalaria; no segundo a inserção do herói popular nordestino, tipicamente rural e no período mais recente o predomínio de folhetos considerados de acontecimentos.

Cascudo (1939), em seu livro “Vaqueiros e Cantadores” considerou que os folhetos foram introduzidos no Brasil por cantadores que “improvisavam versos, viajantes pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão”. O texto e a forma eram caracterizados pela oralidade, “em todo o mundo, desde tempos imemoriais, a grande tradição da literatura escrita culta correspondeu sempre, em todas as culturas, a pequena tradição oral de contar” (MEYER, 1980, p. 3). O costume de contar histórias nas fazendas ou engenhos sempre foi muito presente. O Nordeste é a região brasileira em que os valores trazidos pelos colonizadores portugueses, nos séculos XVI e XVII, foram mais aceitos, absorvendo, conseqüentemente, este tipo de literatura, de manifestações culturais.

Historicamente, a produção literária, sobretudo a escrita, foi privilégio de poucos, entretanto, as criações dos poetas clássicos passaram a ser cantadas através dos tempos:

No final do século XIX e começo do século XX, os cantadores de viola percorriam as fazendas, fazendo pelepas, cantando façanhas dos heróis da época, noticiando acontecimentos, criando um mundo fantástico de seres, com histórias mirabolantes e contos de fadas: divertiam e instruíam. Mas a cantoria tinha regras claras, tanto para composição do verso quanto para o procedimento do desafio, da peleja. Daí herdou o cordel o formato, trazendo da oralidade, da sonoridade do versos rimado, as regras para a palavra escrita. Além do formato, o cordel herda também as temáticas. Sempre juntas caminharam a cantoria e a literatura de cordel (SOUSA, 2007, p. 72).

É importante assinalar que os folhetos de cordel tratavam e tratam de uma grande diversidade de temas e de maneira geral, o poeta nordestino é conservador e os demonstra em seus escritos,



mantendo em seus versos uma postura ratificadora dos valores tradicionais, o que não significa afirmar que eles não escrevem fatos novos. “Assim, com histórias fabulosas e alguns títulos descomunais, os cordelistas conquistaram os eruditos e espalharam pelo Brasil sua irreverente arte poética nordestina [...]” (ALMEIDA, 2009, p. 10).

3 Semiótica e linguagem

A semiótica de origem francesa, também conhecida como semiótica greimasiana, procura dar sentido ao discurso, através do *percurso gerativo da significação*, modelo teórico-metodológico, cujo escopo é estudar a produção e a interpretação de textos. Tal percurso apresenta três níveis – fundamental, narrativo e discursivo – que vão dos mais simples e abstratos aos mais complexos e concretos.

Para Pais (1984, p. 49), o conjunto de discursos manifestados pertencentes a um universo de discurso, apresenta certas características comuns e constantes coerções configuradas de uma norma discursiva e processos de produção de ideologia, entendida como sistema de valores, de relações intertextuais e interdiscursivas. Os critérios de classificação e dos universos dos discursos, como os discursos literários e não-literários permitem delimitar muitos aspectos da tipologia do discurso. Entretanto, quando se trata de discursos etnoliterários, particularmente da literatura popular, estes não se submetem a critérios que tipificam os discursos acima mencionados, pela complexidade e diversidade com que caracterizam uma identidade cultural.

Greimas (2008) entende que o exercício da linguagem produz a manifestação semiótica sob a forma de encadeamento de signos. Porém, propor metodologia de análise para explicar fenômenos linguísticos leva a crer que a análise dos signos produzidos pela articulação da forma da expressão e do conteúdo só é possível quando os dois planos da linguagem são antes dissociados para serem estudados e descritos, cada um separadamente. O autor citado acima não parte do signo para montar sua metodologia, mas daquilo que posteriormente denominará “figuras” (de acordo com a proposta de signo para Hjelmslev (1975, p. 51)), ou seja, unidades narrativas que produzem um bloco de significação. Sua semiótica está mais preocupada em descrever os processos de construção de sentido do que em entender os mecanismos de representação da realidade.

Discorrendo sobre o percurso gerativo da significação, em que emergem as estruturas fundamental, narrativa e discursiva, cada uma com uma sintaxe e uma semântica, o presente estudo prioriza, nas análises dos discursos dos folhetos de cordel, a semântica discursiva, privilegiando os processos de tematização e figurativização com o fim específico de chegar à elaboração mais adequada de classes temáticas representativas da literatura popular.

A *semântica discursiva* tem como componente a *tematização* – elementos abstratos presentes no texto – e a *figurativização* – elementos concretos presentes no texto – que dão concretude ao tema. As figuras do texto formam uma rede, uma trama e, para entendê-las, é necessário conhecer o primeiro nível temático que, como o nível figurativo, são palavras e expressões, que apresentam



traços comuns de significação e que podem ser agrupados. Esses traços comuns podem ser reduzidos a uma oposição semântica. É a partir desta oposição que se constrói a estrutura fundamental.

A tematização e a figurativização são procedimentos semânticos da discursivização, estando ambas interligadas. Enquanto na tematização os traços semânticos são disseminados no discurso de forma abstrata, na figurativização são revestidos por traços semânticos sensoriais. Os elementos concretos que representam coisas, ações e qualidades encontradas no mundo natural, chamam de *figuras* e os elementos abstratos de *temas*.

A relação existente entre as figuras apresentadas que darão sentido para que se descubra o tema subjacente a elas, é o que chamamos de “encadeamento de figuras”. É por intermédio dessas retomadas, encadeamento de referentes do mundo concreto que vão construir os encadeamentos figurativos, com o objetivo de tornar o texto coerente, seja com ideias do mundo real ou com a estrutura textual. Cada texto tem, pois, uma função diferente: os temáticos, explicam o mundo e os figurativos, criam simulacros do mundo. As sequências das figuras, ao serem organizadas em grupos, traduzem os temas subentendidos nos textos.

Isto significa dizer que os temas e figuras estão interligados e criam seus respectivos percursos, por meio dos quais, podemos reconhecer “de que trata um texto”, auxiliando-nos, conseqüentemente, no desvelamento da sua significação. Fiorin (1990, p. 72) confirma essa relação entre o temático e o figurativo quando afirma que

[...] os temas são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos. As figuras, como elementos concretos são elementos ou expressões do mundo natural: substantivos concretos, verbos que indicam atividades físicas, adjetivos que expressam qualidades físicas.

Evidencia-se, portanto, que os temas são apreendidos pelo que subjaz às figuras subordinadas, ou sob controle de um contexto, tornando viáveis as possibilidades significativas. Dessa forma, emergem segundo um cotejo minucioso das figuras que unem e se ordenam no interior do texto.

4 Linguagens documentárias

A Ciência da Informação é uma disciplina voltada para o estudo da produção, circulação e uso da informação. Em uma cultura existem vários tipos de conhecimentos e podemos distingui-los por seus usos e pelos diferentes grupos sociais que os produzem.

No âmbito da Ciência da Informação, a organização do conhecimento diz respeito ao desenvolvimento de teorias em determinadas áreas de assunto com o objetivo de elaborar instrumentos para representarem essas informações. As principais características da representação da informação residem na substituição do texto do documento por sua descrição abreviada, utilizada



como um artifício para recuperar o que é essencial no documento, isto é, o tema.

A representação da informação envolve dois processos: a análise do assunto do documento, cujo resultado deve ser colocado numa expressão linguística, semanticamente relacionada e a atribuição de conceitos na utilização de um instrumento de padronização, aqui denominada de linguagem documentária, que garanta aos indexadores o uso dos mesmos conceitos para representar documentos semelhantes, possibilitando assim a comunicação entre usuários e os sistemas de informação.

As linguagens documentárias são constituídas de sistemas de classificação bibliográficos, artificialmente construídos, a partir de uma linguagem natural presente nos documentos, com o objetivo de controlar o vocabulário de um determinado campo do saber. Estes vocabulários, por sua vez, são códigos artificiais, de signos normalizados que permitem uma representação mais efetiva e eficaz do conteúdo documental com a função de recuperar a informação nele contido, no momento em que o usuário necessitar. Os sistemas de classificação decimais, como a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal, dentre outros, são tipos de linguagens documentárias, quando permitem agrupar documentos segundo o seu conteúdo, visando ao armazenamento e à recuperação da informação.

No presente trabalho, buscou-se compor um conjunto de saberes da Literatura Popular, relacionando-os entre si com aspectos hierárquicos, através do estabelecimento de relações entre temas e figuras extraídos dos folhetos de cordel, de acordo com o conceito ou conceitos que cada léxico representa.

O reconhecimento da importância da Literatura de Cordel, enquanto patrimônio histórico e cultural do povo, principalmente, da população brasileira nordestina, levou-nos ao estudo deste tipo de literatura e o seu tratamento para recuperação nos acervos das bibliotecas. O estudo reside, essencialmente, em analisar os temas tratados na literatura popular, especificamente, nos “folhetos de cordel”, visando à expansão da classe de Literatura nas Classificações Bibliográficas, considerando que a esta classe não atendem os parâmetros teórico-conceituais da Literatura Popular.

Investigar os diversos temas da Literatura Popular de Cordel, a partir do conhecimento produzido foi um desafio, pois tudo nos leva a crer que linguagens em estilos diferentes podem transmitir o mesmo conteúdo e uma classificação precisa para a descrição científica, como assevera Menezes (2006, p. 2):

Da exatidão da classificação depende a exatidão do estudo ulterior. Todavia, posto que a classificação tenha o seu lugar na base de todo o estudo, ela própria deve ser o resultado de um exame preliminar aprofundado. Ora, é justamente o universo que podemos observar: a maioria dos pesquisadores começa pela classificação, introduzindo-a de fora no corpus quando, de fato, deveriam deduzi-la a partir deste.

A sociedade contemporânea tem enfrentado constantes mudanças culturais que possibilitam uma nova forma de pensar, e a análise sócio-histórica de uma sociedade pode ser elaborada de acordo



com a percepção da linguagem adotada por ela. Linguagem não enquanto código, mas como produto de sua própria cultura.

[...] uma maneira de identificar o cordel [...] é através da análise da ideologia que ele reflete. O poeta popular nordestino é conservador, por excelência. Há que examinar detidamente cada conteúdo dos folhetos, através da linguagem e das idéias que ali transparecem com espontaneidade (O QUE..., 2006, p. 1).

As transformações sociais, culturais, políticas e técnicas e o surgimento de redes mundiais de informação impõem a necessidade de se tratar o conteúdo dos documentos, de maneira racional e analítica, com o fim de obter uma melhor representação da informação produzida. A classificação por assuntos ou bibliográfica é utilizada com o objetivo de se agruparem os documentos sob o mesmo tema. Como forma de tornar mais ágil sua recuperação. O documento é considerado como “qualquer unidade, impressa ou não”, passível de catalogação e indexação, que compreende a possibilidade de representar o seu conteúdo informacional. E isto ocorre quando são criados códigos de classificação bibliográficos.

As classificações bibliográficas são consideradas como instrumentos na organização de acervos. A sua organização lógico-hierárquica faz com que os documentos sejam armazenados, obedecendo a áreas de assuntos existentes e classificáveis do conhecimento.

A Classificação Bibliográfica Universal, como a *Dewey Decimal Classification* – CDD e a Classificação Decimal Universal – CDU são consideradas como parâmetros para organizar o universo bibliográfico. Entretanto, a representação do conhecimento passa pela compreensão de princípios, fundamentos teóricos e elementos constitutivos de um determinado campo do saber.

As classificações bibliográficas, até o presente momento, inserem a literatura de cordel no âmbito do folclore. Tal tratamento é inconsistente quando se trata de um instrumento de controle de vocabulário, que representa a expressão da cultura popular. Nesse sentido, pretendemos contribuir para a expansão da classe de literatura nas classificações bibliográficas, através da análise do folheto de cordel, objeto deste estudo, que passará a ser tratado nos acervos das bibliotecas por princípios terminológicos com uma estrutura sistematizada de conceitos, o que permitirá a sua organização, recuperação e disseminação da informação dentro da classe de Literatura e não na classe de Folclore. E a “explicitação desses conceitos e princípios passa pela discussão sobre os modelos de organização do conhecimento” segundo Pereira e Bufrem (2005, p. 29).

A organização do conhecimento, enquanto área de estudo, se diferencia em duas concepções de conhecimento: uma, enquanto processo cognitivo individual constitui-se em uma certeza subjetiva ou objetivamente conclusiva da existência de um fato ou do estado de um caso adquirido por meio de reflexão; e a outra, enquanto algo sobre o qual existe certo consenso social. Os sistemas de organização do conhecimento existem desde os tempos remotos e estão presentes em todas as áreas do conhecimento humano, de modo mais simples aos mais complexos.



Desde a Antiguidade, existe a preocupação em classificar e organizar todo e qualquer material e deu ao homem a importância em registrar a história, preservando assim a memória e a cultura de qualquer povo. Enquanto fenômeno social, a classificação, devido a seu formato e ao seu tratamento, torna-se a representação temática do conhecimento, visto que as diversas sociedades existentes são agrupadas para atenderem às necessidades de organização e de comunicação, como afirma Costa (1998, p. 66):

Encontramos inúmeros exemplos de classificação inscrita e actuanes no mais variados domínios das relações sociais, tal como se nos apresentam no quotidiano. Basta pensar na maneira como as pessoas tratam umas as outras, ou se referem a terceiros, atribuindo estatutos de superioridade ou inferioridade social, considerando uma distintas e outras vulgares, uma sérias e outras desonestas, uma competentes e outras incapazes, umas mercedoras de mais respeito e outras de menos, e por aí afora.

Nesse sentido, entende-se que a classificação bibliográfica responde, simultaneamente, a uma necessidade de organização interna das unidades de informação quanto à recuperação, visando à comunicação dos conteúdos armazenados e aos seus usuários.

Reconhecendo os diferentes objetos que permeiam o mundo em que vivemos, o homem também colecionou “os modos de conhecimento e as cosmologias que elaborava na forma de mitos” (MENEGAT, 2005, p. 5), fatos e narrativas que passadas adiante o homem construiu um determinado modo de pensar o mundo, assim como as coisas que o constituem. Deste modo, o homem tentou dar uma ordem às suas coleções, para representar seu pensamento ou desejo, contribuindo dessa maneira, para a determinação e desenvolvimento de classificações do conhecimento. Instituições como museus, arquivos e bibliotecas, respeitando cada uma, sua organização, origem e a função que é dada aos documentos, têm características comuns até hoje, por preservarem a memória coletiva.

Coletar, organizar, identificar, catalogar e classificar qualquer tipo de suporte informacional constituem atividades que norteiam o tratamento de seus acervos e que fazem dessas instituições, depositárias de coleções, que constituem parte da história de diferentes culturas. Nesse sentido, os sistemas de classificação não são permanentes, com formas e sentidos definidos, porque a História, como assevera Vickery (1980, p. 187),

[...] apresenta uma série de épocas culturais. Cada uma corresponde a um certo período de anos nos quais o conhecimento apresenta uma estrutura mais ou menos unificada que pode ser expressa numa classificação, mas cada nova época exige uma nova classificação.

Cabe, contudo, inicialmente conceituar o termo em questão. Classificação é um processo definido, segundo Piedade (1983, p. 9) com a finalidade de “dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhança. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos”.



Definido o termo classificação, este se caracteriza pelo processo de agrupar as informações de forma que suas relações de analogia se sobressaiam, para que as ciências, o saber ou os documentos possam ser compreendidos de forma precisa. Assim sendo, o processo de conhecimento se realiza, fundamentalmente, através da analogia.

Ao classificar, segmentamos o conteúdo a partir de referências que já possuímos, formando agrupamentos em função de suas propriedades comuns. Processo similar ocorre na área da Ciência da Informação, ao se construírem representações de conteúdo operadas por analogia e generalizações, procurando a partir de traços comuns, reunir conceitos, numa tentativa de organizar a informação e de garantir sua recuperação.

6 CLASSIFICAÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL

Na tentativa de propor a expansão da classe de Literatura Popular nas Classificações Bibliográficas, objetivo da tese intitulada *Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos às classificações bibliográficas*, deparamos inicialmente com a questão das propostas de alguns estudiosos, que ora as classificam por temas, ora por “tipologias” e ora por “ciclos temáticos” e, ainda, por “gêneros”. É neste universo de múltiplos temas, como o romance, a valentia, o gracejo, o desafio, o encantamento, o heroísmo, a religião, a moral, a sátira, a história e muitos outros que o cordel é estudado, pesquisado e debatido em ciclos literários como manifestação da cultura popular.

A literatura de cordel revela a luta de classes, o fosso que as separa e o imaginário popular, que fortifica o dia-a-dia de algumas pessoas. Assim, refletir acerca da natureza e da função da literatura popular através dos folhetos de cordel é estudar o processo de evolução cultural do homem, é estudar a arte por ele mesmo produzida. Cândido (1989, p. 53) fala da presença da linguagem, fator determinante para a classificação de uma obra ser ou não literária, quando assevera:

A arte, e, portanto a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal de linguagem que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

Daí, iniciaram-se as inquietações, aguçando a curiosidade de conhecer estas classificações realizadas por folcloristas, sociólogos, antropólogos, que apresentam propostas as mais diversas e, supostamente, contraditórias. Necessário se fez, inicialmente, definirem-se alguns aspectos preliminares de tais denominações, para verificar se poderíamos considerá-las como ponto de partida para a proposta daquele estudo. Entretanto, apresentamos neste artigo apenas a definição de *ciclos temáticos*.

Para se entender esta classificação, buscamos em Houaiss (2001) a definição de *ciclo e temática*:



a primeira compreende uma “série de fatos que ocorrem periodicamente” e a segunda corresponde a um “conjunto dos temas que caracterizam uma obra literária ou artística”. Ao aglutinarmos os dois termos, ainda, no nível de tentativas, teríamos: *conjunto dos temas que caracterizam uma obra literária ou artística, com ocorrências periódicas*, ou *conjunto de obras, de uma época, sobre um determinado tema*, conceitos estes, também, equivocados, devido à fluidez, a versatilidade dos poetas e diversidade de temas conservados e transmitidos por narrativas inspiradas, criadas ou recriadas do imaginário tradicional que nos chegaram através da Península Ibérica.

Dos estudiosos pesquisados, encontramos três estrangeiros que propõem uma classificação por tipos e categorias, mas que não atendem às variações e diversidades temáticas do cordel brasileiro. No Brasil, muitos estudiosos se aventuraram no caminho da classificação temática da literatura de cordel. Identificamos doze classificações, que para alguns consideravam *Tipologia* e para outros *Ciclos Temáticos*.

A maneira como o cordel está sendo classificado nas bibliotecas e as tentativas de classificá-lo exige o estabelecimento de classes temáticas que permitam e possibilitem, de maneira uniforme, a armazenagem, a organização e a recuperação dos folhetos de cordel pelo tema tratado por eles. Conhecer as classificações já existentes foi fundamental. Observamos que estes estudiosos criaram suas próprias classificações, rejeitaram as de outros, fizeram acréscimos e arranjos; outras extensas, inconsistentes, redundantes, confusas, com misturas de gêneros, tipologias e temas, entretanto, não conseguiram fugir das classificações por ciclos temáticos, que é outro equívoco que salta aos olhos, porque os temas são recorrentes e independentes do seu tempo na história e no imaginário.

Diante da análise das classificações apresentadas, corroboramos com Propp (1973, p. 12), quando nos mostra a necessidade de iniciar um trabalho mais analítico para se ter uma classificação correta da literatura de cordel.

Uma classificação exata é um dos primeiros passos da descrição científica. Da exatidão da classificação depende a exatidão do estudo ulterior. Todavia, posto que a classificação tenha o seu lugar na base de todo estudo, ela própria deve ser o resultado de um exame preliminar aprofundado. Ora, é justamente o inverso que podemos observar: a maioria dos pesquisadores começa pela classificação, introduzindo-a de fora no corpus quando, de fato, deveriam deduzi-la a partir deste.

Assim, considerando as teorias apresentadas, iniciamos nossa pesquisa pela leitura e análise dos folhetos de cordel, o que possibilitou a identificação e extração das figuras que conduziram aos temas, gerando assim vinte e sete classes temáticas, que irão compor a classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas. Os resultados das análises, primeiramente, foram apresentados em forma de quadros e em seguida por um quadro resumo dos folhetos de cordel analisados por classe.

Descrevemos os percursos temáticos e seus revestimentos figurativos, graficamente representados por mapas conceituais, como ferramenta para demonstrar as relações semânticas



existentes entre os temas e figuras na composição das classes temáticas. O uso destes mapas possibilitou a visualização dos temas e figuras destacados em caixa de textos e palavras de ligação, *figurativizam* e *tematizam*, representadas por linhas e setas, que explicitam as relações entre eles. Aqui, vale ressaltar que não existe *mapa conceitual* “correto”. O mapa é construído a partir da maneira de ver, sentir e agir do pesquisador, por ser uma ferramenta muito flexível e que pode ser usada em uma variedade de situações com diferentes finalidades.

A descrição das classes temáticas elaboradas, ao final, permitirá ao bibliotecário, indexar os folhetos de cordel de forma precisa, além de garantir que um mesmo sistema ou sistemas afins usem os mesmos conceitos para representarem documentos semelhantes, bem como facilitará a comunicação entre o indexador, o usuário e o sistema com a utilização de um mesmo vocabulário.

7 CLASSES TEMÁTICAS DA LITERATURA DE CORDEL

Das 27 classes temáticas propostas, apresentamos, neste artigo, apenas a classe temática *Bravura e Valentia*, como amostra dos resultados obtidos da análise de 60 folhetos de cordel.

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Encontro de Zé lapada com Chico topa tudo	Violento	<i>Cada qual mais violento</i>	Violência
Encontro de Kung Fu e Lampião	Meteu-lhe a faca	<i>Depressa meteu-lhe a faca</i>	
O crente e o cachaceiro	Meteu	<i>O crente meteu a biblia Na cara do cachaceiro</i>	
As aventuras de João desmantelado	Venceu	<i>Foi quem venceu na [estória]</i>	Vitória
O encontro de Rodolfo Cavalcante com Lampião Virgulino	Cangaceiros	<i>Mais de 30 cangaceiros</i>	Cangaço

Quadro – CLASSE TEMÁTICA: **BRAVURA E VALENTIA**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O ataque de Mossoró ao bando de Lampião	Cangaceiros	<i>Já prestou pra cangaceiros</i>	Cangaço
Lampião – herói nacional		<i>A vida de cangaceiro</i>	
Jararaca arrependido porque matou um menino		<i>Vou falar num cangaceiro Que com Lampião andou</i>	
Lampião... era o cavalo do tempo atrás da besta vida		<i>Fez Lampião cangaceiro</i>	
Diário de Chão Brilhante		<i>Um cangaceiro gigante Fiel aos seus Camaradas</i>	



Biografia de Lampião		<i>O famoso cangaceiro</i>
Beija Flôr e Teodoro		<i>E cada um cangaceiro</i>
Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita		<i>Transformou-se em [cangaceiro]</i>
Jesuíno Brilhante o cangaceiro-gentil	Cangaço	<i>Revirando o seu destino A entrar para o cangaço</i>
Lampião: herói ou bandido?		<i>Uma marca que o [cangaço] conheceu</i>
Eis um pouco de história de Jesuino Brilhante		<i>Para o mundo do cangaço</i>
Lampião o capitão do cangaço		<i>Do grande rei do cangaço</i>
Volta seca um menino no cangaço		<i>Do cangaço nas entranhas</i>
História completa de Lampião e Maria Bonita		<i>Do cangaço o soberano</i>
José Colatino, o cabra que levou 99 surras		<i>O Carranca arrependeu-se De se meter no cangaço</i>
Sombras do cangaço ou a versão de Maria Bonita		<i>Pois te sigo qual cangaço</i>
Duelo de gigantes	Cangaço Cangaceiro	<i>Pra no cangaço Ingressar [...] Este aí é o cangaceiro</i>
Jararaca o cangaceiro militar	Cangaço Bandoleiros	<i>Apareceu o cangaço Com bandoleiros locais</i>
O sucessor de Lampião Corisco	Cruel Cangaceiro	<i>Foi talvez o mais cruel Cangaceiro do Nordeste</i>
O cangaço, sua origem e os bravos cangaceiros	Cangaceiro Coragem	<i>Cangaceiro tem coragem Sete vidas como gato</i>
A chegada de Lampião no inferno	Lampião	<i>Saiba que sou Lampião</i>
A candidatura de Lampião para presidente da república		<i>Lampião, homem viril</i>
Visita de Lampião a Juazeiro		<i>Chegou aqui na cidade A famosa cabroeira Desse bravo Lampião</i>
Lampião – herói de meia tigela		<i>Quem planta espinho não [pode Colher flor, só colhe [espinho, Foi isso que Lampião</i>
Nascimento, vida e morte do cangaceiro Zé Baiano	Bandido	<i>Um bandido desumano</i>
Asa Branca a inteligência a serviço do cangaço	Bandoleiro	<i>Respeitava a serviço do [cangaço Do regime bandoleiro</i>



Maria Bonita – A eleita do rei

Para seguir Lampião
O temido **bandoleiro**

Quadro – CLASSE TEMÁTICA: **BRAVURA E VALENTIA**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Labareda o capador de covardes	Bandoleiros	<i>Os audazes Bandoleiros</i>	Cangaço
Antonio Silvino – A justiça acima da lei		<i>Receberam os bandoleiros</i>	
O homem que não sabia que se chamava José	Assassino	<i>O desumano assassino</i>	Banditismo
Os coronéis do Nordeste	Banditismo	<i>Na vida do banditismo Cumpriu o seu destino</i>	
O grande debate de Lampião com S.Pedro	Bandido	<i>Não sabes que sois bandido Roubados de vida humana</i>	
As bravuras de Justino pelo amor de Terezinha	Medo	<i>Nunca assumi [compromisso Com covardia ou com medo</i>	Hesitação
Nascimento Grande um gigante da capoeira	Desafiado	<i>Sempre foi desafiado</i>	Luta
Briga de Chico Torto com Salustrino Pancada	Briga	<i>Se gostar mesmo de briga Ta com o diabo de lado</i>	
A briga do rapa com o camelô	Agarraram	<i>Os dois ali se agarraram Com o maior desatino</i>	
O coronel Mangagá e o seringueiro do Norte	Brigada	<i>O Mangagá avançou Deram começo a brigada</i>	
O vaqueiro valente apaixonado	Derrubou	<i>Alonso com uma pernada Derrubou logo uns dez</i>	
A pega do boi bargado no sertão jaguaribano	Brigar	<i>O boi se fez a brigar</i>	
A briga de Chico trovão com Oswaldo Ventana	Brigando	<i>Do meu pai morrer [brigando Demonstrando valentia</i>	
Virginio o juiz do grupo de Lampião	Algoz	<i>Para julgar suas vítimas Transformava-se em algoz</i>	Crueldade
Epopéia do boi Corisco ou a morte do vaqueiro desconhecido	Encurralar	<i>Para lhe encurralar Nunca apareceu ninguém</i>	Prisão
Jerônimo e Paulina o prêmio da bravura	Valente Venceu	<i>Jerônimo por ser valente Foi quem venceu a questão</i>	Valentia
India Necy	Valente Força	<i>É mais valente que os índios Tem força e é valorosa</i>	
História do valente Vilela	Valente	<i>De um homem multovalente</i>	
Histórias do herói vaqueiro Zé Romão na pega de bois barbatãos	Pegou Barbatão	<i>Pegou muito barbatão</i>	Valentia



Anita Garibaldi “A heroína dos dois mundos”	Guerreira	<i>Como guerreira, atacava, Dava apoio com precisão</i>	
As aventuras do filho de Antonio Cobra Choca	Coragem	<i>O gigante da coragem</i>	
Morreu o valente Tenório		<i>Foi um homem de coragem</i>	
História do valente sertanejo Zé Garcia do seu navio		<i>Se o Garcia tem coragem De pegar o barbatão</i>	
A vida de peão de rodeio		<i>Por isso precisa ter A coragem pra montar</i>	
História de Mariquinha e José de Sousa Leão	Valentão	<i>Estou muito satisfeito Temos um genro valentão</i>	Valentia
O covarde marinheiro que salvou a tripulação	Salvou	<i>Neste momento o marinheiro [...] Junto do que afundava E à tripulação salvou</i>	Salvação

Quadro – CLASSE TEMÁTICA: **BRAVURA E VALENTIA**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Os amores de Chiquinha e as bravuras de Apolinário	Bravo	<i>Dum homem bravo que [brigue De vinte e seis qualidades</i>	Bravura
Biografia de Sebastião Pereira e Silva de Serra Talhada	Comandava	<i>Comandava cangaceiros Na lama e na poeira</i>	Liderança

Quadro – CLASSE TEMÁTICA: **BRAVURA E VALENTIA**

Dos cordéis que constituem a classe temática **bravura e valentia**, emergiram os temas **violência, vitória, cangaço, banditismo, hesitação, luta, crueldade, prisão, valentia, salvação, bravura e liderança**.

Os vocábulos **violento, meteu** e a expressão **meteu-lhe a faca** figurativizam o tema **violência**, caracterizando a ação exercida com ímpeto, força contra a vida.

O vocábulo **venceu** figurativiza o tema **vitória**, abordado como forma de superação de obstáculos que conduziu o herói a conquistar o seu valor.

Os vocábulos **cangaceiros, cangaceiro, cangaço, banditismo, cruel, coragem, Lampião, bandido e bandoleiro** figurativizam o tema **cangaço**, representando os malfeitores que andavam em bandos pelos sertões do Nordeste, sob a liderança de Lampião.

Os vocábulos **assassino, banditismo e bandido** figurativizam o tema **banditismo**, marcado pela violência rural exercida pelos chefes políticos locais, para o estabelecimento e manutenção da ordem, formada pela interrelação de valores patrimoniais e paternalísticos responsáveis pela submissão da população rural.

O vocábulo **medo** figurativiza o tema **hesitação**, sentimento demonstrado pelo receio de fazer



algo por se sentir ameaçado fisicamente.

Os vocábulos **desafiado**, **briga**, **agarraram**, **brigada**, **derrubou**, **brigar** e **brigando** figurativizam o tema **luta**, cuja intencionalidade é estabelecida pelo domínio sobre o oponente, o indivíduo. O vocábulo **algoz** figurativiza o tema **crueidade**, representando o sofrimento causado pelo bando liderado por Lampião.

O vocábulo **encurrular** figurativiza o tema **prisão**, caracterizando a perseguição a animais até encerrar a caça.

Os vocábulos **valente**, **força**, **pegou**, **barbatão**, **guerreira**, **coragem**, **valentão** figurativizam o tema **valentia**, ação que mostra vigor, proeza, façanha e força diante de algumas adversidades ou necessidades da vida.

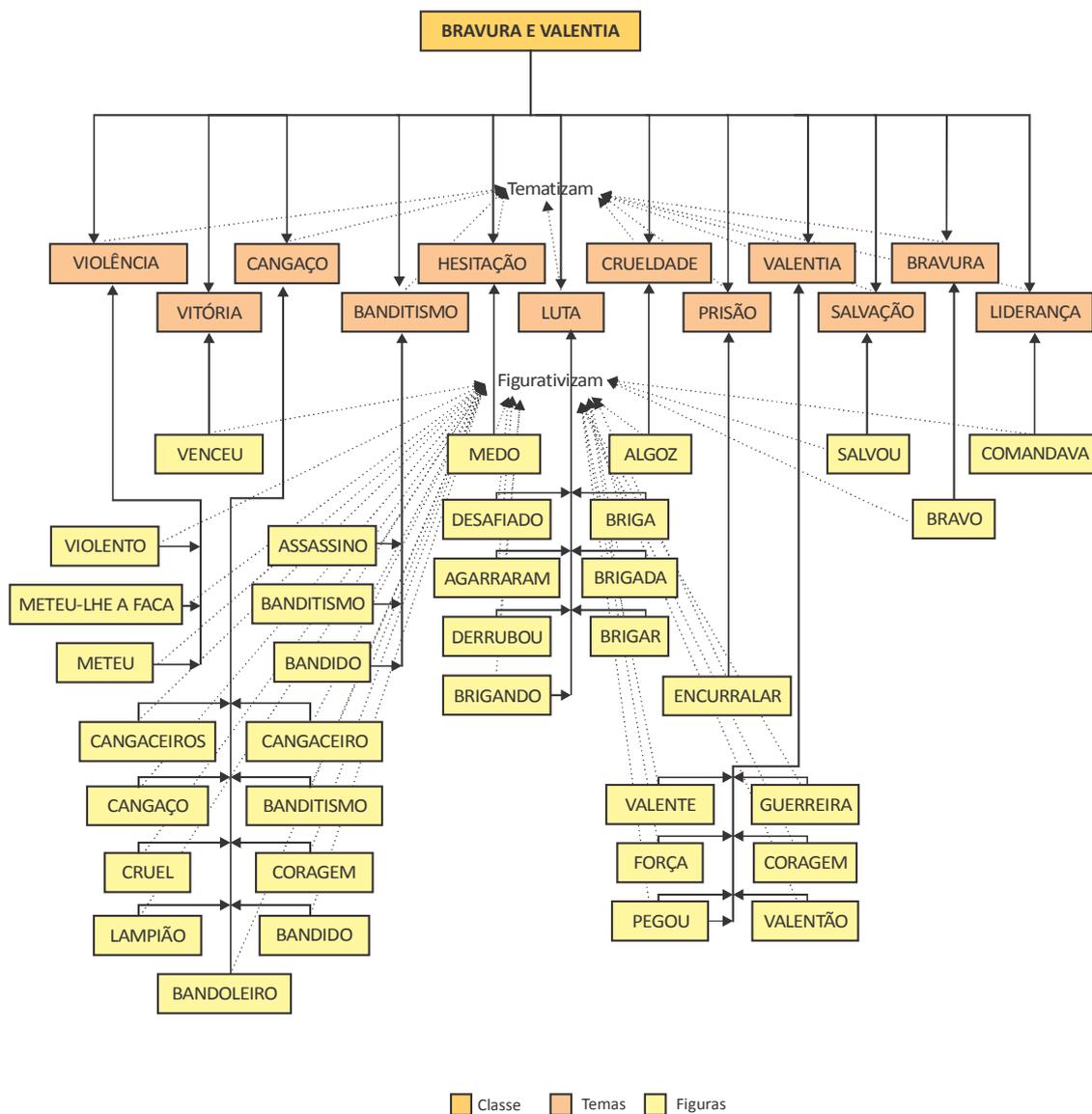
O vocábulo **salvou** figurativiza o tema **salvação**, que se refere à libertação de um estado indesejável, de escapar de uma situação em que o indivíduo se encontra em perigo.

O vocábulo **bravo** figurativiza o tema **bravura**, caracterizando o indivíduo corajoso, capaz de enfrentar perigos que colocam sua vida em risco.

O vocábulo **comandava** figurativiza o tema **liderança**, representando o comando de tropas de cangaceiros, tendo como líder Sebastião Pereira e seu sucessor Lampião.

Observemos a seguir o mapa conceitual da classe temática **bravura e valentia** com a relação hierárquica de temas e figuras.

Figura 1 – Mapa conceitual – bravura e violência



7.1 Descrição da classe temática *Bravura e Valentia*

Contam as bravuras dos cangaceiros e dos “amarelinhos que ninguém dá nada por eles”, mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes. Valentia, coronelismo, banditismo e jagunçagem, Lampião, Antônio Silvino, Corisco.

8 Conclusão

O folheto de cordel tem características próprias que o diferenciam das peças populares



orais, mas a elas está vinculado na poesia ritmada, na rima, na sonoridade que corroboram para a assimilação do texto, permitindo que o ouvinte perpetue a estória em muitas outras. Com ilimitados temas, retratando a realidade e o imaginário popular brasileiro, numa linguagem poética e de fácil memorização que contribui grandemente para incentivar os relacionamentos sociais, esta literatura popular vem atraindo a atenção de estudiosos do mundo inteiro como fonte pesquisa.

No entanto, as bibliotecas têm enfrentado grandes desafios na tentativa de criar instrumentos eficazes para armazenagem, organização e recuperação deste suporte. Nas classificações bibliográficas, a literatura popular de cordel encontra-se inserida na classe “folclore”, uma vez que a ela vem sendo atribuído o mesmo *status* da literatura oral que não possui autor conhecido e que se encontra vinculada a épocas e locais os mais remotos. Entretanto, o cordel tem autoria conhecida, sobretudo no Brasil onde, a partir dos finais do século XIX, quando Leandro Gomes de Barros inicia a publicação em série de folhetos que versava sobre múltiplos temas.

Observamos também que vários estudiosos da área apresentaram classificações para a Literatura Popular de Cordel, denominadas de “Ciclos Temáticos”, o que nos levou a considerar, como hipótese, a possibilidade de utilizá-las para expandir a classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas. Entretanto, as análises apresentadas nesta tese levaram-nos a negar a hipótese levantada em princípio, fazendo com que nosso foco, em relação aos ciclos temáticos, fosse direcionado aos temas tratados nos cordéis. Este procedimento culminou na elaboração de 27 classes temáticas:

Agricultura, Biografias e Personalidades, Bravura e Valentia, Cidade e Vida Urbana, Ciência, Contos, Crime, Cultura, Educação, Esporte, Erotismo, Feitiçaria, Fenômeno Sobrenatural, História, Homossexualismo, Humor, Intempéries, Justiça, Meio Ambiente, Moralidade, Morte, Peleja, Poder, Político e Social, Religião, Romance, Saúde. Doença.

Considerando a criatividade dos nossos poetas e o *corpus* analisado, estas classes não se esgotam em si mesmas, como tantas outras classificações propostas. Porém, temos a convicção de que estamos mais próximos de atender aos parâmetros teórico-conceituais da literatura popular e aos padrões de organização, armazenagem e recuperação dos folhetos de cordel nas bibliotecas, através da análise dos temas e figuras que a semiótica greimasiana possibilitou. Portanto, esta classificação temática responde, simultaneamente, pela expansão da classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas e pela necessidade de organização interna das bibliotecas quanto à recuperação, visando à comunicação dos conteúdos armazenados nos folhetos de cordel e a seus usuários.

Abstract: This study is an analysis of the themes covered by the Cordel Literature, which seeks to expand the topic of literature in bibliographic classifications, assuming that the classifications proposed by various scholars in the field, called thematic cycles, would enable this expansion. The corpus, consisting of one thousand two hundred and fifty booklets was selected randomly and the collection consists of 5,000 cordels of the Documentation Center of Research in Folk Literature of



the Federal University of Paraíba. In this corpus, we analyzed the works of three hundred forty-five poets, among one thousand and seventy-three authors listed in the inventory. At this work, we spoke out about the Folk literature, considering its concept, origins and classifications proposed by different scholars. The basic theory used was the Greimasean Semiotics, prioritizing semantic investments of figurativization and thematization for reflection and discourse analysis of the cordel booklets, complemented with the bibliographic classifications, languages used in the organization of collections aiming to gather the documents of a same theme. The analysis of the cordel booklets enabled the identification and extraction of the figures that led to the themes, therefore creating 27 thematic groups that will compose the Folk literature topic in bibliographic classifications.

Keywords: *Folk Literature — Cordel. Bibliographic Classification. Knowledge Representation. Semiotics. Information Science.*

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth B.C de. **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica.** 2011. 311 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ALMEIDA, Sandenburg Oliveira de. **A oralidade da literatura de cordel na obra do escritor Nei Leandro de Castro “As pelepas de Ojuara”.** Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/humanidades/ARTIGOS/GT15/ENSAIO_DAS_PELERAS_COM_RESUMO%5B1%5D.pdf> Acesso em: 10 dez. 2009

BATISTA, Maria de Fátima B. de Mesquita. Do oral ao escrito: limites entre o romance oral e o folheto de cordel. **Santa Barbara Portuguese Studies**, Santa Barbara, v. 9, p. 1-10, 2005

CÂNDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A.C. Ribeiro et al. **Direitos humanos e...** São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Vaqueiros e cantadores.** Porto Alegre: Globo, 1939.

COSTA, A.F. Classificações sociais. **Leitura**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 65-75, out. 1977/ abr. 1998.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação.** São Paulo: Ática, 1990.

GREIMAS, A. J. ; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Contexto, 2008.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

MENEGAT, Rualdo. A epistemologia e o espírito do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 5-12, jan./jun. 2005



MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil.** [S.l.: S.n.], 200?. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoe sia/ediatahy01c.html>>. Acesso em: 18 jan. 2006.

MEYER, Marlyse. **Autores de cordel.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PAIS, Cidmar Teodoro. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. **Revista Brasileira de Lingüística**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 43-65, 1984.

O QUE é cordel. Disponível em: <<http://www.cordelon.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 25 jan. 2006.

PEREIRA, Edmeire Cristina; BUFREM, Leilah Santiago. Princípios de organização e representação de conceitos em linguagens documentárias. **Enc. BIBLI: R. eletrônica de Bibl. Ci. Inform.**, Florianópolis, n. 20, 2º semestre de 2005.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação.** 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PROPP, V.I. **Morphologie du conte.** Paris: Bétique. 1973.

SOUSA, João Bosco Alves de. **Contando histórias – fazendo História.** São Paulo: EDUC, 2007.

VICKERY, Brian C. **Classificação e indexação nas ciências.** Rio de Janeiro: Brasilart, 1980.